



Em 25 de fevereiro, um mês após o rompimento da barragem, fitas com mensagens sobre a tragédia foram amarradas na ponte que passa por cima do rio Paraopeba, no centro da cidade



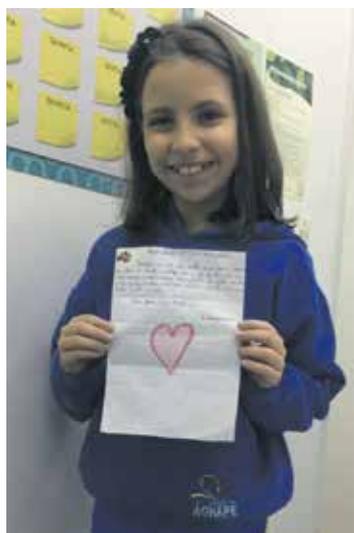
ESPECIAL

• Brumadinho

TROCA DE CARTAS Estudantes de Brumadinho respondem a mensagens de solidariedade enviadas por leitores do *Joca* • **págs. 2 e 3** | **OS AFETADOS** Depoimentos de grupos e pessoas que sofrem as consequências do rompimento da barragem • **págs. 4 e 5** | **VOLUNTARIADO NA CIDADE** Ações que seguem em atividade para auxiliar os habitantes • **pág. 6** | **A VISÃO DE UM BOMBEIRO** Entrevista com o porta-voz da operação de resgate dos desaparecidos • **pág. 7** | **O TURISMO EM BRUMADINHO** Atrações imperdíveis no Instituto Inhotim • **pág. 8**



O QUE VOCÊ ACHOU DE TROCAR CARTAS COM ALUNOS DE BRUMADINHO? Mande o seu depoimento para a gente! A sua resposta pode aparecer no site do Joca. Para participar, escreva para joca@magiadeler.com.br.



Acima, da esquerda para a direita: a aluna Rafaela L., 9 anos, do Cemma, segura carta escrita por leitor do Joca; cartas de respostas escritas pela Emei Nair das Graças Prado, de Brumadinho; abaixo: João Pedro C., 10 anos, da E.E. Paulo Eiró (SP) e Isabela P., de 10 anos, do Colégio De Ághape (SP); as alunas Ana Clara M., Laura S. e Maria Clara M., todas de 11 anos, da E. M. Carmela Caruso Aluotto, em Brumadinho; equipe da Emei Nair das Graças Prado; no destaque, carta escrita pelo diretor da E. M. Carmela Caruso Aluotto para uma criança de Osasco (SP)

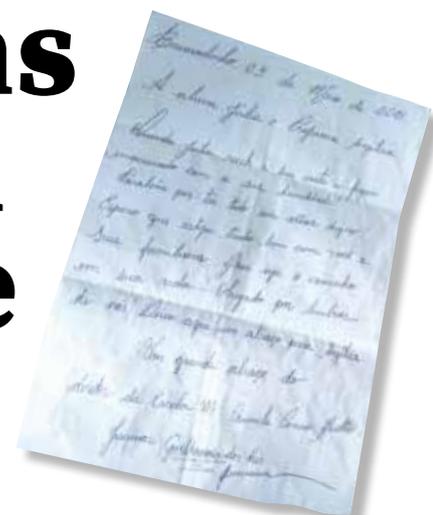
Leitores do Joca e jovens de Brumadinho trocam cartas de solidariedade

Por Joanna Cataldo

“Tenha força, estamos com você”; “vai ficar tudo bem, mantenha a esperança e não desista dos seus sonhos”. Essas foram algumas das mensagens que leitores do Joca enviaram a estudantes de Brumadinho após o rompimento da barragem.

Crianças e jovens participaram da campanha “Mande uma Carta Para Brumadinho”, na qual foram convidados a escrever mensagens de apoio para estudantes da cidade e encaminhá-las para a redação do Joca. O jornal se encarregou de enviar as cartas para escolas do município, acompanhadas de selos para possíveis respostas e as distribuindo em igual número entre os colégios.

Foram recebidas mais de 2.200 mensagens, vindas de regiões e realidades diferentes do Brasil e até de jovens que moram no exterior. Não demorou para que alguns estudantes de Brumadinho respondessem as cartas recebidas. Com isso, a equipe do Joca foi até o município e visitou escolas para saber mais sobre a experiência. O resultado você confere a seguir.



“CHEGARAM CARTAS PARA VOCÊS” Henrique A., de 9 anos, do Centro Educacional Maria Madalena Friche Passos (Cemma), em Brumadinho, conta que, um dia, a supervisora da escola entrou na sala com um envelope cheio de cartinhas e



“Ficamos muito felizes em poder ajudar os alunos de Brumadinho. Nós enviamos a carta, mas não estávamos esperando respostas tão carinhosas como as que os alunos enviaram para a gente” – Isabella P., 10 anos, do Colégio De Ághape (SP)

“Eu amei escrever a carta e receber a resposta de um dos alunos. Espero que a família dele esteja bem” – João Pedro C., 10 anos, da Escola Estadual Paulo Eiró (SP)

“Quando recebi a cartinha deles, eu me senti muito feliz e importante. Gostaria que a amizade continuasse. Nós ficamos o tempo todo no celular, e eu nunca tinha tido contato com cartas. Foi uma experiência muito legal” – Júlia S., 10 anos, da Emef Prof. Laerte José dos Santos (Osasco/SP)

o entregou para a professora. Ela, então, leu em voz alta algumas mensagens. “Ficamos surpresos, foi bem legal”, diz Henrique, que, depois, reuniu-se em um grupo com outros estudantes para escrever um agradecimento à escola de São Paulo que tinha enviado as correspondências.

Já Rafaela L., de 9 anos, lembra que a escola “ficou muito alegre” em receber as cartas e que, na turma dela no Cemama, muitos ficaram emocionados. “A minha professora entregou cartas para cada um. Algumas pessoas abriram com todo o cuidado, para não rasgar nem um pedaço. Outras queriam abrir logo”, diz. Agora, passada a fase de ler e responder as correspondências, a turma guarda as cartas coladas no caderno, como forma de nunca se esquecer delas.

CARTAS NA ERA DO WHATSAPP

Acostumados a se comunicar por aplicativos de troca de mensagens, muitos alunos nunca tinham trocado cartas pelo correio — e dizem que, após receber as correspondên-

cias dos leitores do *Joca*, passaram a gostar da experiência. “É mais legal receber uma carta do que um WhatsApp, porque parece mais real”, diz Ana Clara M., de 11 anos, da Escola Municipal Carmela Caruso Aluotto, de Brumadinho. “Podemos ver a letra da pessoa, imaginar como ela é. Além disso, ficamos ansiosos para receber a resposta.”

Receber uma correspondência em mãos também foi especial para Laura S., 11 anos, que respondeu a carta enviada e disse que gostaria de continuar se comunicando com a autora. “Eu fiquei muito curiosa para saber mais sobre ela. Guardo a minha carta até hoje. Se ela fez com carinho, eu tenho que guardar para lembrar que não estamos sozinhos, que tem gente que se importa com a gente.”

AS RESPOSTAS

Alguns colégios que enviaram correspondências para escolas de Brumadinho já receberam respostas dos alunos de lá. Veja ao lado o que eles acharam da troca de mensagens.

Volta às aulas

Por Maria Carolina Cristianini

O rompimento da barragem, em 25 de janeiro, aconteceu no momento em que as escolas de Brumadinho se preparavam para retomar as aulas. “Foi impossível pensar em voltar às aulas, porque a gente teve, inclusive, a passagem para a zona rural afetada pela lama — lá estão 40% dos nossos cerca de 5 mil alunos”, contou Sônia Aparecida Barcelos Maciel, secretária de Educação de Brumadinho, em entrevista ao *Joca*. Uma estrada alternativa à afetada foi construída para dar acesso à zona rural antes que as escolas retomassem as atividades, em 11 de fevereiro.

A equipe de educadores do município também foi preparada. “No dia 8 de fevereiro, reunimos os nos-

700 educadores com uma equipe médica para nos ajudar a lidar com esse momento de perda. E, naquele primeiro momento, colocamos um psicólogo em cada escola”, relembra Sônia.

Agora, a Secretaria de Educação, ao lado das secretarias de Meio Ambiente e Saúde, trabalha com um projeto dentro das escolas, chamado Brumadinho: Esse É o Meu Lugar!, que prevê palestras para educadores, excursões pelo município (para valorizar o local), entre outras ações. “No fim do ano, teremos uma mostra cultural dos trabalhos realizados e uma gincana de todas as escolas”, diz Sônia. “Temos a esperança de reerguer a nossa cidade”, conclui ela.

COMUNIDADE ENVOLVIDA

Na Emei Nair das Graças Prado, em Brumadinho, toda a comunidade escolar foi envolvida com a ação das cartas do *Joca*. Como recebeu um número muito alto de correspondências, a escola optou por distribuir algumas para funcionários da instituição, como professores, profissionais da limpeza, cozinheiros, assistentes e estagiários. “As crianças que escreveram as cartas estavam longe, mas, por meio das mensagens, ficaram próximas”, diz a diretora Giovânia de Jesus. Já os alunos participaram da ação fazendo cartazes de agradecimento à escola que enviou as correspondências e levando as cartas para casa, onde puderam ler e responder as mensagens com a ajuda dos pais. “Muitas famílias ficaram emocionadas e agradecidas”, diz a professora Ítala Rodart. “Com essa ação, vimos que mesmo de longe as pessoas se solidarizaram com os moradores daqui.”

O QUE DIZ A VALE?

Questionada sobre ações pela educação em Brumadinho após a tragédia, a Vale (empresa responsável pela barragem que rompeu) declarou, via assessoria de imprensa:

“A Vale disponibilizou transporte para os alunos, além de fomentar [estimular] e organizar rotas alternativas, uma vez que alguns acessos foram prejudicados. A empresa ainda forneceu acompanhamento psicossocial para alunos de todas as escolas municipais e estaduais do município, promoveu atividade de acolhimento voltada para os professores e gestores escolares da rede municipal. Também disponibilizou material escolar e uniformes para as famílias impactadas.”



O que vi em Brumadinho?

“Fui a Brumadinho 15 dias após a quebra da barragem, como colaboradora eventual do então Ministério do Desenvolvimento Social, com a missão de elaborar um diagnóstico do município com foco na área da assistência social (área que trata da defesa e proteção de direitos). Fiquei dois dias na cidade. Observei que os servidores do município [pessoas que trabalham na prefeitura de Brumadinho] estavam muito impactados com a situação. É muito difícil para alguém que passa por um luto ter que atuar profissionalmente. Ao mesmo tempo, as pessoas estavam vivendo uma relação de solidariedade incrível. Tem muitas coisas que saem dessa lama toda, a vontade de ajudar, de estar junto, uma comunhão entre as pessoas”, **Alice Gambardella, socióloga, trabalha com políticas públicas [conjunto de programas, ações e atividades desenvolvidas pelos governos para garantir direitos da população].**



Mapa dos afetados

O rompimento da barragem afetou indígenas, quilombolas, agricultores e de Brumadinho. A equipe do *Joca* esteve na cidade e conversou com alguns

“Moro na **reserva Naô Xohã**, onde vivem os povos pataxós e pataxós hã-hã-hãe (‘encontro de povos’ na língua patxohã). Somos 27 famílias, incluindo quase 40 crianças. A gente vivia no sul da Bahia e veio para cá há quase dois anos por causa do rio Paraopeba. Quando chegamos, ele estava cheio de lixo. Limpamos as margens e o rio ficou uma maravilha, cristalino. Na quinta-feira [dia 24 de janeiro], eu lavei roupa lá e tomei banho. Quando foi uma hora [da tarde] da sexta-feira, o pessoal da Defesa Civil veio avisar do rompimento. A gente foi correndo, em pânico, para o alto, porque eles disseram que tinha risco de a lama atingir a aldeia. Isso acabou não acontecendo porque estourou a barragem menor e tem muita montanha no caminho, o que parou a lama.

Na hora em que a lama chegou ao rio, no sábado, os peixinhos só faltavam pular de fora d’água para ir para o seco respirar. Eu chorei um bocado, viu. A gente tirou muito peixe morto da beira. Muita gente da aldeia acabou indo embora porque adoeceu com a falta de água. A Vale fez um encana-

mento de água, mas só dá para tomar banho e lavar louça — quem ingeriu ficou com dor de barriga. Para beber, recebemos água trazida por voluntários.

A gente não tem energia elétrica e usava só a água do rio. O Paraopeba era tudo para a gente: de lá saía nosso alimento, e era onde a gente lavava roupa, louça, dançava, fazia batismo (dar o nome indígena a uma criança ou até mesmo um adulto), brincava com as crianças... A gente vive em aldeia porque não consegue fazer essas coisas na cidade — muita gente falta com respeito quando vê indígenas fazendo rituais ou usando trajes. Procuramos ao máximo guardar a nossa cultura e passar para a frente. Depois do rompimento, continuamos cantando descalços, firmes e fortes, com os pés no chão, na beira do rio, para ele saber que a gente está aqui e que vamos tentar trazer a vida de volta para ele — vai ser difícil, mas estamos tentando. É pelas nossas crianças que fazemos isso.”

Tanara Santos, 36 anos, vive na reserva Naô Xohã, São Joaquim de Bicas (a 22 km de Brumadinho)

“A gente sabia que a barragem poderia se romper, mas nunca ia imaginar que aconteceria uma coisa dessas. Na hora, minha família estava trabalhando na horta e todos correram para cima bem rápido porque a lama vinha trazendo árvore, caminhão, trator... Parecia filme de terror. Nós, da agricultura, estamos destruídos porque não temos mais onde trabalhar, mas não perdemos ninguém.

A lama devia ter uns 15 metros de altura, a horta tinha 5 metros, então acabou com tudo. Perdemos oito estufas, sistema de irrigação (para molhar a plantação), tratores, plantação de folhosas (como couve, brócolis e almeirão), beterraba, pimentão... São 20 anos de trabalho debaixo da lama. No total, 52 famílias que viviam da agricultura aqui estão sem trabalhar. A gente vendia a produção, mas agora ninguém mais quer comprar.

Mesmo na parte alta, temos

medo de continuar plantando... Um agrônomo nos falou que a lama pode afetar o lençol freático e contaminar a água, o que também pode facilitar a transmissão de doenças. Nossa água era a mais limpinha da vida. Agora dependemos da água mineral que a Vale entrega.

Nunca ninguém foi rico aqui, mas nunca faltou nada. A gente vai depender do salário mínimo da Vale por 12 meses. E depois? Queremos que a Vale nos dê o suporte e um novo lugar para trabalhar. Se essa terra voltar a ser produtiva um dia, psicologicamente, vai ser difícil de trabalhar. Todo mundo que trabalhava nessa terra diz que não tem um dia que vem aqui e não chora por tudo o que aconteceu.”

Soraia Nunes, 42 anos, da Fetaemg (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais), vive no Parque do Lago, em Brumadinho



Tanara Santos



Soraia Nunes

Os acordos entre a Vale e Brumadinho

Até o fechamento desta edição, a Vale, empresa responsável pela barragem, havia anunciado medidas de indenização e compensação para a cidade e seus habitantes. Confira algumas delas:

• Doação de R\$ 80 milhões para o município de Brumadinho ao longo de dois anos, de acordo com comunicado dias após a tragédia.

• A Vale se comprometeu a pagar, durante 12 meses, mensalmente, a todos os habitantes da cidade:

• um salário mínimo (R\$ 998) para cada adulto;

ados

e outros moradores
mas dessas pessoas

Por Martina Medina



Fontes: Agência Brasil, assessoria de imprensa da Vale, Folha de S.Paulo e G1.

Mapa ilustrativo: as distâncias não estão em escala real.

- metade de um salário mínimo (R\$ 499) para cada adolescente;
- um quarto de salário mínimo (R\$ 249,50) para cada criança.

De acordo com informações da própria empresa, a Vale doou:

- R\$ 100 mil a cada uma das 275 famílias vítimas da tragédia;
- R\$ 50 mil a cada um dos cem residentes de imóveis em áreas atingidas;
- R\$ 15 mil a cada uma das 91 pessoas que tiveram seu negócio ou atividade rural impactada.

Outras assistências que a empresa afirma fornecer:

- Água para consumo humano e agropecuário;
- Melhorias e manutenção em estradas;
- Reconstrução da ponte da Alberto Flores;
- Assistência psicológica e atendimento médico;
- Pagamentos emergenciais a 150 indígenas, de 46 famílias, além de apoio à saúde e consultoria para avaliar impactos ao meio ambiente.



Sara Silva



Rosimara Santos

“A barragem estourou bem aqui em frente. Foi um dia de pânico: os carros correndo, pessoas mandando a gente sair das casas e ir lá para cima, em Casa Branca. Passamos a noite lá e, quando disseram que já não tinha mais risco, voltamos. Nos dias seguintes, era muito helicóptero dando volta em cima da minha casa, fazendo resgate. Parecia uma guerra. A gente não conseguia descansar com aquele barulho. No meu bairro, quase 30 pessoas morreram no rompimento. Eu tinha uma loja de material escolar, mas com as doações para a comunidade, os estudantes ganharam mochila, caderno... tudo que eu vendia. Então, tive que fechar as portas.

No meu quintal já morreram 30 galinhas. Tem um córrego que passa no fundo do terreno, e elas estão bebendo dessa água, acho que é por isso. A Vale já mandou vários veterinários, mas não tem nenhuma resposta concreta. Muita gente não está produzindo mais nas hortas por causa da água, que também não está boa para consumir nem cozinhar. Para isso, a gente tem água mineral de doação, mas não é a Vale que fornece.

Tenho conversado com algumas pessoas e a gente quer ir embora. Vai ser doloroso largar tudo porque aqui está a nossa história. Mas a gente tem medo de ficar pelo risco de doença e de a outra barragem romper. Vamos entrar com uma ação coletiva na Justiça para que a Vale pague pelo que cada um de nós perdeu e crie um novo bairro.”

Sara Silva, 38 anos, vive no Córrego do Feijão, onde fica a mina da barragem que estourou

“Depois da abolição da escravidão [1888], ex-escravos vieram morar nessa região em casas feitas de pau a pique, bambu e sapé (que é capim), o que deu nome à nossa comunidade quilombola. A construção mais antiga daqui é a igreja São Vicente de Paulo, de 1930. Como temos nosso próprio poço, o rompimento da barragem não afetou nosso abastecimento de água, que continua cristalina.

O problema mesmo foi o isolamento. Como caiu a ponte da Alberto Flores, que ligava essa parte de Brumadinho ao centro da cidade, ficamos mais de uma semana sem conseguir ir para lá direito. Depois que a ponte foi reconstruída, só podiam passar cinco pessoas por vez. Então, se no ônibus que a gente ia tinha 50 pessoas, a gente precisava esperar muito tempo até todo mundo atravessar a ponte para pegar o ônibus que esperava do outro lado. Um caminho que antes levava uma hora passou a demorar três. Teve gente que perdeu consulta médica, compromisso de trabalho... Fora que o ônibus ia lotado. Essa dificuldade demorou três meses, agora melhorou, mas o ônibus continua cheio.

Eu acho que as consequências vão ser mais para frente. Com a indenização da Vale, os preços estão aumentando (uma compra de 500 reais agora está saindo mil) e muita gente vai ficar à toa. Daí, vão chamar gente de fora para trabalhar e as pessoas daqui não vão mais arrumar trabalho.”

Rosimara Santos, 32 anos, vive no Quilombo do Sapé, no distrito de São José do Paraopeba (a 30 km de Brumadinho)

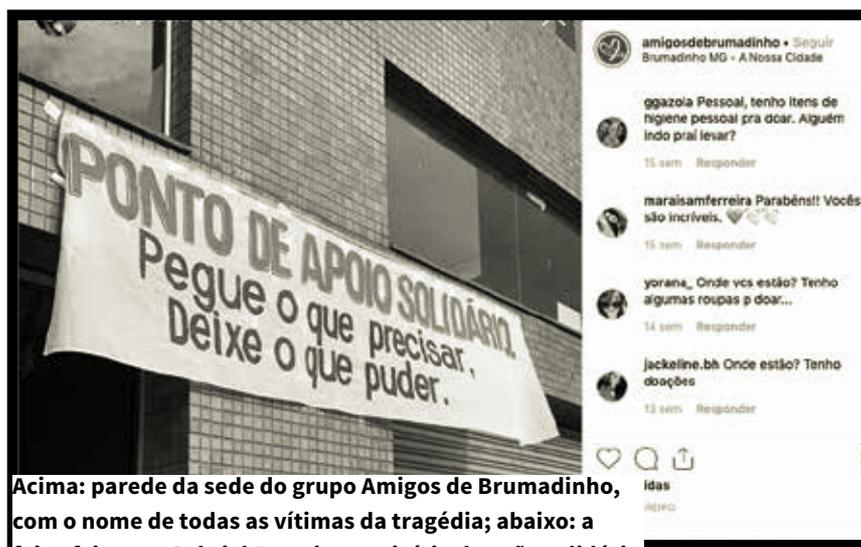
Os dias seguintes ao rompimento da barragem foram marcados por inúmeras ações envolvendo voluntários. Apenas por meio do portal Transforma Brasil, cerca de 4 mil pessoas fizeram cadastro para atuar com a Organização Não Governamental (ONG) E-missão — eram psicólogos, médicos, enfermeiros. Outra ONG, a Atados, recebeu inscrições de mais 1.355 voluntários.

Diversas ações seguem ativas. Uma delas é a do grupo Amigos de Brumadinho. “Tudo começou porque perdi minha prima na tragédia, a Juliana Parreiras Lopes”, conta Gabriel Parreiras, um dos diretores do grupo. “No dia seguinte ao rompimento, fui para a quadra poliesportiva da cidade e vi que tinha muita fila para pegar doativos. Foi quando decidi abrir o local onde eu começaria um novo negócio, um tipo de galpão, para oferecer ajuda”, relembra ele.

Gabriel fez compras em um supermercado e levou mantimentos para o galpão, assim como uma faixa em que se lia: “Pegue o que precisar, deixe o que puder”. “Coloquei algumas coisas no carro e fui distribuir. Quando voltei, tudo o que eu havia deixado não estava

Os voluntários de Brumadinho

Por Maria Carolina Cristianini



Acima: parede da sede do grupo Amigos de Brumadinho, com o nome de todas as vítimas da tragédia; abaixo: a faixa feita por Gabriel Parreiras no início da ação solidária

mais lá, mas tinha mais do que o dobro em doação”, conta.

A iniciativa cresceu e deu origem ao grupo Amigos de Brumadinho, hoje sediado em uma casa na cidade e com planos de seguir auxiliando o local nos mais diversos campos de atuação. O projeto tem a ajuda de voluntários, como Patrícia Alves dos Reis. “Eu venho nas minhas horas vagas. Só hoje, até agora [início da tarde de 2 de maio de 2019], já atendemos quase 40 pessoas em busca de cesta básica”, diz ela.

AÇÕES

O GRUPO AMIGOS DE BRUMADINHO JÁ REALIZOU ATENDIMENTO DIRETO A CERCA DE 2 MIL PESSOAS. O OBJETIVO, DAQUI PARA A FRENTE, É AUXILIAR A CIDADE DE FORMA PERMANENTE, EM CINCO ÁREAS:

- 1. Recebimento de doativos.**
- 2. Ponto de apoio para os voluntários** (o grupo quer, em breve, ter alojamentos disponíveis para quem estiver disposto a ser voluntário na cidade).
- 3. Entretenimento e educação para as crianças** (com a implantação de brinquedoteca e biblioteca na sede da associação, por exemplo).
- 4. Reconstrução das casas** (as primeiras reformadas foram atingidas por um temporal três dias após a tragédia).
- 5. Qualificação profissional** (com oferecimento de cursos para os habitantes do município assim que houver a estrutura necessária).

Créditos: Stéphanie Habrich e Instagram



Brumadinho em 1958

A história de Brumadinho

A região onde hoje fica Brumadinho foi desbravada pelos bandeirantes paulistas, entre o fim do século 17 e o início do século 18. Na época, os bandeirantes criaram pontos para as tropas descansarem e locais de abastecimento para seus grupos. A partir disso surgiu um pequeno povoado de mineradores.

A possibilidade de explorar o minério de ferro, além de algumas plantações de café, impulsionaram o desenvolvimento da região, que ganhou uma estrada de ferrovia. Assim, o comércio começou a surgir e moradias se estabeleceram. A estação de trem foi o primeiro local a se chamar Brumadinho — nome que veio de um povoado próximo, chamado Brumado (por causa da bruma, ou nevoeiro, que costuma se formar ainda hoje no amanhecer). O local se tornou município em 17 de dezembro de 1938.

RAIO X DE BRUMADINHO

POPULAÇÃO ESTIMADA EM 2018: 39.520

HABITANTES

ÁREA: 639,43 km² (quase o dobro da área de Belo Horizonte, que possui 331,40 km²)

DISTÂNCIA DE BELO HORIZONTE: CERCA DE 60 KM

QUEM NASCE EM BRUMADINHO É: BRUMADINHENSE

PRINCIPAIS ATIVIDADES: MINERAÇÃO E AGRICULTURA

GLOSSÁRIO

BANDEIRANTES PAULISTAS: em busca de riquezas minerais (como ouro) e índios para escravizar, grupos saíam da região de São Paulo, principalmente entre os séculos 17 e 18, e desbravavam o interior do país.

A barragem antigamente

“Eu costumava ir até o complexo de barragens de Congonhas [município de Minas Gerais] e Brumadinho entre 1989 e o início dos anos 1990, quando tinha por volta de 10 ou 12 anos. Meu pai trabalhava na Ferteco [mineradora dona da barragem até 2001, quando foi adquirida pela Vale], era engenheiro e cuidava da parte de meio ambiente e das barragens. Eu morava em Belo Horizonte, mas ia até lá às vezes porque meu pai ficava de plantão no fim de semana. Lembro que era um lugar bonito, com muita mata, muitos animais, como aves e quatis. Na época, recordo que a Ferteco estava implantando ações ambientais e meu pai trabalhava nessa área, em obras para reestruturar a vegetação do local. Saber do rompimento me causou uma sensação muito ruim, pois é um lugar que fez parte da minha infância. É chocante saber que um local que você conheceu quando criança foi destruído”, **Ulisses Wermelinger, 40 anos, assistente de direção de publicidade e cinema**



No centro do resgate

Por Joanna Cataldo



Créditos: Samuel Luiz de Lima Oliveira e divulgação Corpo de Bombeiros de Minas Gerais



Imagem feita em 2 de maio de 2019, em local de trabalho dos bombeiros em Brumadinho

Cerca de 150 bombeiros seguem buscando 26 desaparecidos quase cinco meses depois da tragédia em Brumadinho. Em entrevista ao *Joca*, o tenente Pedro Aihara, porta-voz dos bombeiros na operação, explicou como a ação segue sendo realizada neste momento.

Que ações os bombeiros desempenham atualmente?

Estamos em uma fase em que o volume de lama que tem de ser movida é considerável. Para isso, usamos mais de cem máquinas pesadas. Também fazemos uma espécie de investigação para saber em que lugares as pessoas poderiam estar na hora da tragédia. Pegamos informações com a Vale — para saber onde esses indivíduos trabalhavam — e entrevistamos sobreviventes. Juntamos tudo isso a estudos matemáticos sobre a movimentação da lama e obtemos informações como a velocidade com que os rejeitos atingiram determinado ponto.

Quando não estamos fazendo buscas, estamos planejando.

Estudos apontam que materiais presentes na lama, em contato com o corpo humano por períodos prolongados, podem fazer mal à saúde. Quais cuidados os bombeiros tomam?

Fazemos uma bateria de exames para garantir que não estamos tendo nenhum tipo de problema. Nós também tomamos uma medicação para prevenir doenças e recebemos acompanhamento psicológico e médico.

Que materiais vocês utilizam nas operações?

Usamos helicópteros especializados, drones (para confirmar pontos onde buscas devem ser realizadas), balões meteorológicos (para saber como será o tempo e verificar se temos que tirar as tropas de locais com risco de chuva), GPS (para apontar os pontos das buscas), entre outros. Além disso, utilizamos cães-guias, que auxiliam com o faro. Entre 70% e 80% das localizações que

fizemos foram com algum tipo de apoio deles, seja indicando o ponto onde temos que fazer buscas, seja confirmando o local onde achávamos que um desaparecido estaria.

Logo após o rompimento da barragem, quantos bombeiros foram para Brumadinho?

O pico aconteceu nas duas primeiras semanas após a tragédia. Chegamos a ter 450 bombeiros. Vieram bombeiros de outros estados, bombeiros de Israel. Naquela época, nós não tínhamos máquinas pesadas. Então, hoje podemos dizer que temos a maior força de trabalho de toda a operação, pois uma máquina pesada faz o serviço de 20, 30 bombeiros.

Muitos dos bombeiros que estão em Brumadinho hoje também atuaram nas operações de Mariana [em 2015, uma barragem se rompeu na cidade], certo? De que maneira a operação em Mariana contribuiu para o trabalho que está sendo realizado hoje em Brumadinho?

Sim, a maior parte do efetivo em Brumadinho também trabalhou em Mariana. A partir do aprendizado que tivemos em Mariana, conseguimos melhorar alguns protocolos nossos, de modo a nos tornar mais eficazes. Pudemos verificar quais metodologias são mais adequadas nesse tipo de desastre.

Há pessoas dizendo que as operações podem chegar ao fim sem que todos os desaparecidos sejam encontrados. É isso mesmo?

A operação pode ser encerrada em dois casos: quando todos os desaparecidos forem localizados ou se chegar a um ponto em que será impossível fazer a identificação deles [por questões biológicas]. Mas até que a gente chegue a esse ponto, os bombeiros permanecem no local. Prova disso é que já estamos há mais de quatro meses na região e ainda não paramos a operação. Enquanto existirem condições, a gente vai permanecer realizando o nosso trabalho.



Turismo: a cidade além da mineração

Por Helena Rinaldi e Maria Carolina Cristianini

Um dos principais pontos turísticos de Brumadinho é famoso: o Instituto Inhotim, considerado o maior centro de arte contemporânea a céu aberto do mundo. O local não foi afetado pela lama e se posiciona como essencial para o município se reerguer. “A arte é muito importante nos momentos de recuperação de uma cidade que vive esse tipo de tragédia. Acreditamos que a própria existência do Inhotim e todas as atividades do instituto vão ajudar a

reconstruir Brumadinho”, disse Antônio Grassi, diretor-presidente do espaço, em entrevista ao *Joca*.

Inhotim, apesar de não ter sido diretamente atingido pelo rompimento da barragem, sofreu queda no número de visitantes por causa da tragédia. “Vemos algo em torno de 40% de redução. Por isso temos feito muitas campanhas para mostrar que o Inhotim está vivo”, explica Grassi. Uma das iniciativas recentes foi a ampliação do Nosso Inhotim, programa que já oferecia meia-entrada no local para os moradores de

Brumadinho e que agora passou a dar acesso gratuito aos habitantes do município.

Mais ações para que os turistas retornem à região têm sido tomadas nos últimos meses. Uma delas é a campanha “Abraça Brumadinho”, que reúne os principais locais para visitar na cidade e tem sido veiculada, por exemplo, em canais de televisão. Algumas das principais atrações envolvem a natureza: é possível conhecer cachoeiras e voar de balão, por exemplo. Saiba mais em: abracebrumadinho.com.br.

O QUE VER EM INHOTIM? Idealizado durante a década de 1980, pelo empresário mineiro Bernardo de Mello Paz, Inhotim foi fundado como um instituto cultural, em 2002. Aberto para o público em 2006, o local mistura arte contemporânea e um jardim botânico. A equipe do *Joca* visitou Inhotim e selecionou três atrações imperdíveis por lá:



Elevazione



Troca-troca

Troca-troca: três Fuscas coloridos tiveram peças da lataria trocadas entre si. O autor, Jarbas Lopes, fez uma viagem com os carros em 2002, do Rio de Janeiro para Curitiba. Outra jornada aconteceu em 2007, entre Belo Horizonte e Brumadinho. Agora, os Fuscas estão estacionados em Inhotim. **Elevazione** (“elevação”, em italiano): de longe, parece uma árvore suspensa. A realidade só se revela bem de perto — trata-se de uma árvore feita de bronze. Obra do italiano Giuseppe Penone. **Beam Drop** (“queda de viga”, em tradução livre do inglês): é uma criação do norte-americano Chris Burden. Por 12 horas, em 2008, um guindaste soltou 71 vigas sobre uma poça de cimento fresco. A obra surgiu conforme o cimento secou.



Beam Drop



Joca, o único jornal para jovens e crianças, é uma publicação da editora Magia de Ler. Os comentários e artigos assinados não representam, necessariamente, a opinião do jornal e são de responsabilidade do autor.

Créditos: Ana Beatriz Pádua e divulgação Inhotim